

O que dizem os gêneros nas narrativas jornalísticas não-biográficas de Fernando Morais¹

Demétrio de Azeredo SOSTER²

Daiana CARPES³

Diana AZEREDO⁴

Ricardo DÜREN⁵

Rodrigo BARTZ⁶

Vanessa Costa de OLIVEIRA⁷

Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

Parte-se do pressuposto, neste artigo, que observar a riqueza narrativa dos livros-reportagem de Fernando Morais de natureza não-biográfica implica analisar, de um lado, as categorias e os gêneros que a compõe, enquanto que, de outro, o papel que ela ocupa no sistema midiático-comunicacional. A hipótese que norteia a pesquisa é que as categorias e suas derivações são, antes, indexadores de camadas mais profundas de significação que mecanismos de compartimentalização textual. E isso dificulta qualquer tentativa de conceituação da produção para além do genérico “livro-reportagem de natureza não-biográfica”. A análise, parte inicial de um esforço de pesquisa mais amplo, se inicia com uma contextualização teórica, segue com explicitação metodológica e aplicação dessa metodologia para culminar nas decorrentes considerações interpretativas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; gêneros; narrativas; narrativas jornalísticas, sistemas

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenador do projeto de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”. Professor, coordenador do Curso de Jornalismo e professor-pesquisador do PPG Letras da Unisc. Doutor pela Unisinos. E-mail: dsoster@uol.com.br.

³ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação da Unisc. Voluntária do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”. E-mail: daiacarpes@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação do Curso de comunicação da Unisc. Bolsista PUIC do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”. E-mail: azeredo_diana@yahoo.com.br

⁵ Mestre em Letras pela Unisc. Voluntária do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”. E-mail: ricardo@gazetadosul.com.br

⁶ Mestrando do PPG Letras da Unisc. Voluntário do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas” E-mail: rodrigobartz@mx2.unisc.br

⁷ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação da Unisc. Voluntária do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”. E-mail: nessa.costa.oliveira@gmail.com

1 Pesquisa em processo

Este artigo, excerto dos esforços de pesquisa realizados pelos componentes do grupo “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”, cujas atividades se iniciaram em março de 2013, junto ao PPG Letras em parceria com o curso de Comunicação da Unisc, busca compreender como se estabelece, do ponto de vista da narrativa jornalística, a obra do jornalista e escritor Fernando Moraes. O recorte, nesse estágio, recai sobre as narrativas de natureza não-biográficas, ou seja, os livros *Transamazônica* (Brasiliense, 1970), *A Ilha* (Alfa-ômega, 1984), *Corações sujos* (Companhia das Letras, 2011), *Os últimos soldados da Guerra Fria* (Companhia das Letras, 2011), e, finalmente, *Cem quilos de ouro* (Companhia das Letras, 2003).

Parte-se do princípio que Fernando Moraes, para dar conta de seus livros-reportagem com esse perfil, utilizou, em cada um dos textos, uma diversidade considerável de estruturas narrativas, próprias de categorias jornalísticas distintas. Essa utilização, em parte, explica não só a relevância de seu trabalho como a riqueza narrativa do mesmo. Compreender essa diversidade implica, de um lado, admitir a existência de formatos distintos de texto em um mesmo ambiente narrativo enquanto que, de outro, rever a noção segundo a qual gêneros são “(...) unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informações por meio de uma mídia/suporte” (COSTA, 2010, p. 47). São, de fato, em nossa perspectiva, unidades identificáveis como tal, mas podem se apresentar tanto de forma autônoma (à parte, portanto, dos demais formatos) como excerto de estruturas mais complexas, caso dos livros-reportagem de Fernando Moraes.

Consideramos, no percurso, a perspectiva de Muniz Sodré (2009), quando afirma que a observância dos gêneros, tanto em termos de jornalismo como de literatura, está em desuso desde há muito em termos acadêmicos. Ou Chaparro (2008), para quem, simplificada, as categorias e os gêneros são contemplados pelo binômio relato/versão do relato. Mas levamos em conta, sobretudo, a perspectiva segundo a qual os gêneros sócio-discursivos, como os de natureza jornalística, podem operar como uma espécie de indexadores no plano narrativo-discursivo. Nesse sentido, considerar sua existência em uma perspectiva antes relacional que totalizante permite-nos concluir que, por meio deles, pode-se chegar a uma significação mais complexa do texto. São, portanto, como dissemos, bioindicadores.

Implica dizer, no rastro de uma larga discussão que remonta, de um lado, ao estruturalismo de Todorov (2008) e Barthes (2008), e, de outro, às origens dos estudos de gênero no Brasil (BELTRÃO, 1980; MARQUES DE MELO, 1985 e 2010), que a presença dessa ou daquela tipologia do relato, mais que compartimentalizar o conteúdo, sugere que se está diante de uma estrutura textual diferenciada, na relação com as demais, e que precisa ser pensada como tal para ser compreendida da forma mais plena possível. Importante salientar que, nesse momento da pesquisa, nos limitaremos a identificar e descrever as categorias e gêneros encontrados na obra de Fernando Moraes. O trabalho de interpretação, seja no plano estrutural ou semântico, requer uma segunda pesquisa, com metodologia adequada, que se encontra em processo, e que não é contemplada nesse artigo.

Dito isso, cumpre afirmar que nosso objetivo será alcançado a partir de alguns movimentos identificados. No primeiro, que se inicia a seguir, faremos a contextualização teórico-metodológica de onde nosso objeto se enquadra em termos de pesquisa. Por essa perspectiva, dialogamos com três teorias: jornalismo, narrativa e sistemas. Depois, realizaremos a explicitação metodológica do caminho percorrido, quando diremos das ferramentas e critérios que utilizamos na análise. O passo seguinte, anterior às considerações interpretativas, diz respeito à descrição de alguns dos principais achados. Começamos pelo fechamento teórico-conceitual de nossa análise.

2 Um fenômeno, três teorias

Compreender o que significa, ao jornalismo, valer-se de recursos da narrativa literária para dar conta de seus relatos implica observar, como dissemos, o movimento em uma perspectiva de três teorias: sistêmica, nos moldes de Niklas Luhmann (2009); jornalística, pelo viés dos gêneros; e, finalmente, narrativa, por meio da narratologia, em uma visada antes dialogal que totalizante. No que diz respeito ao olhar sistêmico, como temos observado (SOSTER, 2009, 2009-a, 2009-b, 2011 e 2012), os sistemas jornalístico e literário, por meio do acoplamento estrutural, dialogam entre si em suas operações, causando afetações as mais diversas em um e outro. Chamamos esses movimentos de dialogia (SOSTER, 2013), ou seja, a capacidade que um sistema tem de dialogar com outro sistema em um determinado ambiente, provocando reconfigurações em ambos. Importante observar que os diálogos entre os sistemas se dão a partir dos dispositivos de um e outro. O

caso do dispositivo livro-reportagem, objeto de nossa atenção, ilustra o que estamos afirmando.

Nessa perspectiva, o livro, quando em forma de livro-reportagem, mais que um objeto de leitura, transforma-se em elemento constituinte e definidor do sistema em que se insere, nesse caso o jornalístico, que é formado por jornais, revistas, televisões, sites e rádios no que eles têm de exercício da prática. Ao fazê-lo, passa a repetir em seu interior as dinâmicas processuais do sistema como maneira de fortalecer sua autonomia frente aos demais dispositivos. Para quê? Para ser reconhecido como tal e viabilizar suas próprias operações (SOSTER, 2009).

Em uma perspectiva dialógica, considerando o acoplamento estrutural entre os sistemas jornalístico e literário, por exemplo, um dos mecanismos por meio dos quais o sistema fortalece suas distinções frente aos demais sistemas, tornando-se “diferença que provoca diferenças” (LUHMANN, 2009), e ao meio com o qual igualmente dialoga, é pelo viés de afetações que se verificam no interior dos dispositivos. No caso do jornalismo, essas transformações se dão nas esferas de produção, oferta, circulação, recepção e reconhecimento de sentidos. Sua observação se mostra possível, a título de estratégia de abordagem, no âmbito da produção e posterior oferta de sentidos, pelo viés da análise das narrativas textuais encontradas nos dispositivos. Isso porque

(...) a narrativa não se concretiza apenas no plano da realização estética própria dos textos narrativos literários; ao contrário, por exemplo, do que ocorre com a *lírica*, a narrativa desencadeia-se com frequência e encontra-se em diversas situações funcionais e contextos comunicacionais (narrativa de imprensa, historiografia, relatórios, anedotas etc.), do mesmo modo que se resolve em suportes expressivos diversos, do verbal ao icônico, passando por modalidades mistas verboicônicas (história em quadrinhos, cinema, narrativa literária, etc.). (REIS, LOPES, 1988, p. 66)

A escolha se justifica porque é nesse âmbito, no da narrativa (nesse caso, jornalística), que se localizam o que chamamos genericamente de “gêneros narrativos”. Ou seja, categorias, e suas formas, que nos permitem, em uma perspectiva sócio-discursiva, compreender os enunciados jornalísticos a partir dos traços estruturais que têm em comum e sua intencionalidade elocutiva.

Para fins dessa pesquisa, admitiremos, portanto, como jornalísticos, em consonância com a categorização proposta por Marques de Mello (2010), as categorias informativo, opinativo, diversional, interpretativo e utilitário, cuja descrição faremos mais adiante. Já a

narratologia, aqui entendida como o estudo da forma por meio da qual a narrativa se estabelece, nos instrumentalizará a perceber, nos enunciados identificados e já demarcados quanto à sua genealogia, no segundo momento dessa pesquisa, o que emerge dessas formas de dizer específicas. Nesse caso, de nuances literárias em contextos jornalísticos.

Dito do viés teórico, observemos a questão do ponto de vista metodológico.

3 Metodologia aplicada

Como metodologia, optamos pela releitura linear das obras não-biográficas de Fernando Moraes, recorte que considera a definição de livro-reportagem com base no conceito apresentado por Pereira Lima (2009). Trata-se, por essa perspectiva, de um “(...) veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios jornalísticos periódicos” (LIMA, 2009, p. 26). A amplitude, nesse caso, e ainda segundo Lima, pode se referir tanto a) ao tratamento dispensado ao tema, extensivo, sentido de volume de informações; b) ao aprofundamento do fato relatado, ou ainda, c) à combinação dos dois fatores. Não vamos nos estender demais nesse aspecto.

Cumprir observar que, para dar conta da tarefa proposta, ou seja, compreender a matriz genealógica dos livros-reportagem de Fernando Moraes, desenvolvemos uma tabela contendo as cinco categorias de classificação dos textos jornalísticos propostas por José Marques de Melo (2010) – informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. O objetivo, com o dispositivo, foi o de permitir a identificação, nos capítulos de cada obra, dos excertos que caracterizam a diversidade de categorias e gêneros utilizados na análise.

Retornando à tabela, como se observa abaixo, na linha horizontal superior localizam-se os indicativos de categoria, a incidência (ou não) de textos, o gênero e o espaço destinado ao excerto.

Categoria	Incidência	Gênero	Excerto
Informativo			
Opinativo			
Interpretativo			
Diversional			
Utilitário			

A incidência de determinada categoria, nomeada na primeira coluna, é indicada com um “X” na segunda. Na terceira, o gênero/formato é mencionado, com o objetivo de melhor caracterizar a categoria. O excerto é transcrito na quarta coluna, à qual é destinado um espaço maior devido à necessidade de transcrição. A quantidade de trechos selecionados varia a cada análise, sem prejuízo à exemplificação. Apesar de manter o mesmo eixo metodológico, ou seja, utilizar a mesma tabela, cada pesquisador realizou a aplicação individualmente. No que toca à terceira coluna – gênero – utilizamos, na pesquisa, a sistematização proposta por Lailton Alves Costa (2010, p. 43), resumida da forma abaixo descrita.

Tabela 1 – Gêneros/formatos da categoria informativo

Categoria	Gênero/Formato	Definição
Informativo	Nota	Relato de acontecimento que está em processo de configuração. Nem todos os elementos da notícia (<i>lead</i>) são conhecidos.
	Notícia	Relato integral de um fato. Deve responder às seguintes questões: “o quê?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como” e “por quê?”.
	Reportagem	Relato ampliado de acontecimento que produziu impacto social. Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público.
	Entrevista	Relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos. Não se confunde com técnica de apuração dos fatos. Mecanismo que dá voz aos agentes da cena jornalística.

Tabela 2 – Gêneros/formatos da categoria opinativo

Categoria	Gênero/Formato	Definição
Opinativo	Editorial	Expressa a opinião da empresa diante dos fatos de maior repercussão do momento.
	Comentário	Explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências. Nem sempre emite uma opinião explícita.
	Artigo	Texto por meio do qual jornalistas e cidadãos desenvolvem ideias e apresentam opiniões. Contém julgamentos mais ou menos provisórios.
	Resenha	Apreciação das obras de artes ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores e consumidores. Não tem intenção de oferecer julgamento estético, e sim utilitário.
	Coluna	Mosaico estruturado por unidades

		curtíssimas de informação, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência.
	Crônica	Gira em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística.
	Caricatura	Forma de ilustração que a imprensa absorve com sentido opinativo e que, em sua origem, corresponde a ridicularizar, satirizar, criticar.
	Carta	Espaço por meio do qual os cidadãos dialogam com o jornalismo.

Tabela 3 – Gêneros/formatos da categoria interpretativo

Categoria	Gênero/Formato	Definição
Interpretativo	Dossiê	Mosaico destinado a facilitar a compreensão dos fatos noticiosos. Condensação de dados sob a forma de “boxes”, ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. Matéria destinada a complementar as narrativas principais da edição.
	Perfil	Relato biográfico sintético, identificando os “agentes” noticiosos. Focaliza os protagonistas mais frequentes da cena jornalística, incluindo figuras que adquirem notoriedade ocasional.
	Enquete	Relato das narrativas ou pontos de vista de pessoas aleatoriamente escolhidas. Destina-se a acionar os mecanismos psicológicos de “projeção” ou “identificação”.
	Cronologia	Reconstituição do acontecimento de acordo com variáveis temporais (ano, semana, século, etc.). Destina-se a reconstituir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão.

Tabela 4 – Gêneros da categoria utilitário

Categoria	Gênero/Formato	Definição
Utilitário	Indicador	Dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas, caso da meteorologia, cenários econômicos, etc.
	Cotação	Dados sobre a variação dos mercados.
	Roteiro	Dados indispensáveis ao consumo dos bens simbólicos, caso do teatro, cinema, etc.
	Serviço	Informações destinadas aos interesses dos usuários dos serviços públicos ou privados. Por exemplo, horários de bancos. etc.

Tabela 5 – Gêneros/formatos da categoria diversional

Categoria	Gênero/Formato	Definição
Diversional	História de interesse humano	Narrativa que privilegia facetas particulares dos “agentes” noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas dos personagens anônimos ou traços que humanizam os olímpianos.
	História colorida	Relatos de natureza pictória, privilegiando tons e matizes na reconstituição de cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários.

4 O objeto visto de perto

Por a perspectiva não ser totalizante, e sim indicial, utilizaremos apenas alguns exemplos de cada obra analisada.

4.1 Transamazônica

A análise do texto de Fernando Moraes “Primeira aventura na estrada”, trecho de abertura da obra “Transamazônica” (Brasiliense, 1970), foi realizada a partir da aplicação da tabela desenvolvida para esta pesquisa em cada um dos 11 capítulos do referido texto. O indexador utilizado foram os indicativos de quilometragem existentes no alto de cada página de abertura dos capítulos, que fazem alusão aos quilômetros rodados pela equipe na estrada (KM 10, KM 500, KM 1879 etc.). Uma primeira observação é que, ao longo de todos os capítulos, temos uma mesma lógica de incidência de categorias. Ou seja, em todos os 11 capítulos incidem textos informativos, opinativos, interpretativos e diversionais, menos utilitários.

No caso dos relatos informativos, o gênero mais usualmente encontrado é a entrevista, enquanto que, no opinativo, o comentário. Abaixo, retirado da abertura do livro, no quilômetro 0, um exemplo do que podemos entender como integrante do gênero entrevista:

O dono do bar pede desculpas por ainda não ter a foto do presidente Médici:

- Estamos esperando aparecer por aqui uma revista com um bom retrato dele na capa. Já vi alguns em jornais velhos, mas até agora nenhum colorido. Vou esperar as revistas do Rio. (MORAIS, 1970, p. 2)

Trata-se de uma entrevista, na perspectiva dos gêneros jornalísticos, à medida que a narrativa empresta voz aos agentes da cena jornalística, nesse caso, um anônimo “dono do bar”.

Algo semelhante se estabelece com a opinião, no caso um comentário, como se observa à página quatro do mesmo capítulo: “Mesmo que seja para varrer uma estrada de terra, o importante é não deixar que morram de fome os que puderem e quiserem trabalhar” (MORAIS, 1970, p. 4). Temos, com um ponto de vista identificado, a explicação, por parte de quem narra, do porquê de as pessoas ouvidas pelos repórteres serem contratadas pelos mutirões no Nordeste, à revelia da função que exerçam nessa empreitada; o que ocorre imediatamente após o texto descrever a existência desses trabalhadores braçais em pleno sertão nordestino.

O perfil, como gênero da categoria interpretativo, foi encontrado em todos os capítulos na análise, enquanto que, na categoria diversional, os textos dividiram-se em histórias de interesse humano e histórias coloridas. Isso se observa, por exemplo, à página dez do quilômetro 500 da estrada.

Chega ao bar um vaqueiro jovem, montado num cavalo muito magro. Desce e começa a contar seus problemas: passou o dia inteiro tentando vender seu cavalo por 130 cruzeiros. Com esse dinheiro, pretendia pagar 100 ao patrão e gastar o resto na viagem com a família: mulher e sete filhos. Chico dos Santos, o vaqueiro, não sabe para onde ir, mas sabe que qualquer lugar será melhor que Farias Brito. Das dez quartas de arroz que colheu (cada quarta são 42 quilos), pagou cinco ao patrão, que é o dono da terra e tem sempre direito à metade de tudo o que for produzido nela. (MORAIS, 1970, p. 10)

Note-se que temos, aqui, um relato biográfico sintético, que identifica os agentes noticiosos e tem seu foco inclusive em protagonistas que adquirem notoriedade ocasional, caso do jovem Chico dos Santos, vaqueiro, que pretende vender seu cavalo e, com isso, pagar suas dívidas e se mudar para um lugar melhor.

Logo adiante, no mesmo capítulo, temos dois gêneros da categoria diversional, a começar por uma história de interesse humano:

Em Altaneira, resolvemos acordar o prefeito para conversarmos sobre a cidade. Quando José Rufino de Oliveira, o prefeito, soube que estávamos na cidade para falar da Transamazônica, mandou acordar sua mulher, pediu à filha mais velha que fosse preparar um cafezinho, encarregou um garotinho de acordar os vereadores, comerciantes e toda a gente importante da cidade. (MORAIS, 1970, p. 11)

Em termos de história colorida, selecionamos o trecho abaixo para ilustrar nossa perspectiva:

Sáímos por um beco, atravessamos um quintal, passamos dentro de um riacho, com a camioneta em primeira, subimos num barranco esburacado e tomamos o caminho de Altaneira. Quinze minutos depois pensávamos se não teria sido melhor dormir nas pensões imundas de Farias Brito mesmo. Naquela estrada não conseguíamos sequer engatar uma segunda na camioneta e andamos o tempo todo sem que o ponteiro do velocímetro se mexesse: era uma trilha para burros ou, no máximo, para jipe com tração nas quatro rodas. (MORAIS, 1970, p. 11)

No primeiro excerto, observa-se a valorização de facetas particulares dos agentes em questão, fazendo emergir, desse processo, dimensões inusitadas do mesmo. Nesse caso, um prefeito que administra sua cidade como uma espécie de feudo do agreste, onde todos agem a partir de sua vontade. No segundo, um relato impressionista dos cenários por onde a equipe passou.

4.2 A Ilha - Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro

No caso de “A Ilha - Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro” (Alfa-Ômega, 1984), optamos pelo agrupamento dos capítulos em dois blocos – um a seis e sete a 11 – para a aplicação da tabela. O indexador utilizado foi o título de cada capítulo. No primeiro bloco, comparando-se com a obra anteriormente analisada, dois pontos merecem particular atenção. O primeiro diz respeito à diversidade de categorias encontradas na amostra: informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. Trata-se da mesma variação existente em “Transamazôniza” (Brasiliense, 1970). No que toca aos gêneros que compõem essas categorias, há uma maior variedade, no entanto, na categoria interpretativo. Foram encontrados, nela, os gêneros dossiê, perfil, cronologia e enquete, enquanto que, na diversional, histórias coloridas e histórias de interesse humano.

Alguns exemplos da diversidade de gêneros na categoria interpretativo, a começar pelo dossiê: na página 43, existe uma tabela com a quantidade e valor a ser pago pelos produtos convertido em cruzeiros. Um pouco antes, na página 42, há um exemplo de perfil, ou seja, relato biográfico sintético, identificando os agentes noticiosos:

Juan Martinez Tinguao, amigo pessoal de Fidel, a quem ajudou a editar um jornalzinho clandestino antes da revolução, é hoje funcionário do Instituto Nacional da Indústria Turística. Fuma de dez a quinze charutos “Cazadores” por dia. (MORAIS, 1984, p. 42)

Um exemplo de cronologia:

Logo depois que Fidel chegou ao poder, o turismo externo praticamente acabou em Cuba. De um lado, pouca gente se “arriscava” a passar as férias lá, em plena revolução. Do lado cubano, o governo acabou com os grandes atrativos que levavam à Ilha, anualmente, 250 mil estrangeiros. (MORAIS, 1984, p. 26)

A mesma lógica se verifica no segundo bloco, do capítulo sete ao 11, com a diferença, na comparação, que são encontrados, aqui, somente dois gêneros da categoria interpretativo – perfil e cronologia – e somente um da diversional, ou seja, história colorida: “Na saída do bar, um soldado se aproxima e oferece quatro charutos *criollos*, feitos a mão, ‘em homenagem ao Brasil’, e com uma recomendação: ‘Pode dizer lá que você fumou o melhor charuto do mundo, feito na Província de Camaguey’” (MORAIS, 1984, p. 112).

4.3 Corações sujos

A análise do texto “Corações Sujos” (Companhia das Letras, 2011) teve como indexador os capítulos da referida obra. Uma vez mais, nos primeiro e segundo capítulos encontramos as categorias informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. Na categoria informativo, por exemplo, temos o gênero entrevista. No excerto destacado, a entrevista permite que outros agentes da narrativa tenham também voz, como o Deputado Miguel Couto ao referir-se à lei de restrição da entrada de japoneses no Brasil: “Miguel Couto respondeu com uma declaração teatral: ‘Se a emenda não for aprovada, só me resta ensinar japonês aos meus netos, porque a qualquer momento o Brasil será presa do Japão’” (MORAIS, 2011, p. 32).

Mesmo que, sucintamente, percebemos a categoria opinativo em alguns trechos da obra. No primeiro excerto notamos a crítica ao desmatamento sem precedentes, em que a economia cafeeira derrubara as matas no oeste paulista: “Apesar do primeiro susto, seguiram confiantes rumo ao oeste paulista, cujas matas estavam sendo derrubadas para dar lugar à onda verde dos cafezais” (MORAIS, 2011, p. 25). Já no segundo excerto, classificado também como opinativo, temos uma crítica ao conhecido “jeitinho” brasileiro: “Ainda que aparentemente decididos a não se integrar ao novo país, os japoneses acabavam caindo em tentações bem brasileiras, como o jogo do bicho” (MORAIS, 2011, p. 30).

Em se tratando da categoria interpretativo encontramos os gêneros perfil e cronologia. No gênero perfil, destacamos um excerto: a chegada dos japoneses à delegacia: “Como espectros que tivessem surgido do nada, às nove horas da noite sete japoneses descalços, com idades variando entre vinte e 41 anos, sérios e com ar decidido, postaram-se diante da delegacia de polícia” (MORAIS, 2011, p. 15). Apontamos também o gênero cronologia, que aparece logo no início da obra, quando o imperador Hiroito declara sua condição humana por exigência dos vencedores da Segunda Guerra: “Eram pontualmente nove horas da manhã do dia 1º de janeiro de 1946 quando ela soou nos alto-falantes dos rádios de todo o Japão” (MORAIS, 2011, p. 9).

Já no âmbito da categoria diversional, encontramos o gênero história de interesse humano e história colorida. Como história de interesse humano destacamos o excerto:

Como o prédio da polícia ficava em plena avenida Tamoios, no centro da cidade, para chegar até lá tiveram que atravessar uma Tupã às escuras – uma aparição que assombrou os moradores das imediações, que fecharam portas e janelas à aproximação do grupo silencioso. (MORAIS, 2011, p. 15)

E como história colorida podemos destacar:

Não obstante todos os percalços, os navios japoneses continuaram desembarcando imigrantes no porto de Santos. Nos primeiros sete anos do acordo entre os dois países, o Japão despachou para o Brasil mais 3434 famílias – ou 14.983 pessoas. [...]. Nos confins do sertão paulista as cidades continuavam nascendo. (MORAIS, 2011, p. 30-31)

4.4 Os últimos soldados da Guerra Fria

Para analisar o livro-reportagem “Os últimos soldados da Guerra Fria” (Companhia das Letras, 2011), preenchemos 15 tabelas, uma para cada um dos 15 capítulos da obra. Constatamos, uma vez mais, a presença, em cada um dos capítulos – sem exceção –, de características que remeteram ao jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário.

No que toca ao informativo, encontramos, por exemplo, trechos com características do gênero entrevista, particularmente, em trechos onde Moraes (2011) reproduziu, entre aspas⁸, declarações de indivíduos – testemunhas, personagens – entrevistados por ele. Já no âmbito do jornalismo opinativo predominou, hegemônico, o gênero comentário.

⁸ O uso das aspas também demonstrou uma curiosa preocupação semântica do autor em termos de diferenciar declarações de entrevistados de reproduções de diálogos entre personagens. Enquanto nos excertos de falas de entrevistados Moraes (2011) usa aspas, nos diálogos entre personagens ele emprega travessões.

Observamos a emergência deste gênero em momentos onde Moraes (2011) deixou transparecer sua opinião sobre determinados fatos, personagens ou instituições presentes na narrativa, como mostra o excerto abaixo, retirado do capítulo três:

[...] Quando publicou uma série de entrevistas com o archi-inimigo da Revolução Cubana Luis Posada Carriles, nas quais ele fazia escandalosas revelações sobre as relações das organizações anticastristas com o terrorismo, o jornalista Larry Rohter [...] sentiu de perto o *bafo mafioso* do anticastrismo. (MORAIS, 2011, p. 85. Grifo nosso).

Na categoria interpretativo encontramos, principalmente, trechos com características dos gêneros perfil, onde o autor descreveu características dos personagens da trama, e cronologia, nos quais elencou sequências de fatos relacionados, conforme as datas ou anos em que foram ocorrendo. Em uma ocasião encontramos um curioso elemento do gênero dossiê. Trata-se de um organograma, que ocupa as páginas 134 e 135, que mostra, com fotografias dos integrantes, a escala hierárquica da Rede Vespa, como era chamado o grupo de espões cubanos infiltrados em grupos anticastristas americanos – tema central da obra.

4.5 Cem quilos de ouro

No caso de “Cem quilos de ouro: e outras histórias” (Companhia das Letras, 2003), utilizando como método a análise individual de cada um dos 12 capítulos do livro. A categoria utilitário aparece uma vez, no capítulo dez (páginas 255 a 275), como mostra o trecho: “Terminada a visita, volte à Rodovia 1 e tome o caminho de Big Sur. Depois de cem quilômetros e de passar por penhascos que lembram a costa amalfitana, na Itália, você estará entrando no território dos malditos e da *beat generation*” (MORAIS, 2003, p. 268-269). Em todos os demais capítulos observamos a existência das categorias informativo, opinativo, interpretativo e diversional.

Destacamos a presença constante dos gêneros história de interesse humano e história colorida, dentro da categoria diversional. Um exemplo se pode observar no excerto a seguir, de história colorida, extraído do capítulo oito, “O Napoleão do Planalto”.

Enquanto toma café com leite, bolachas, mel, queijos Polenghinho e Catari, faz anotações à margem do clipping para cobrar mais tarde dos ministros e auxiliares. (...) No fim da refeição, toma um copo de suco – uma mistura de cenoura, mamão e maçã, batida num dia com suco de laranja, no outro com suco de limão. De vez em quando turbina a mistura com um pouco de guaraná em pó. (MORAIS, 2003, p. 217)

Na categoria informativo predominou o gênero entrevista, na maioria das vezes com citações entre aspas, como observamos no capítulo três, “Primeiro rascunho de *A Ilha*”, em uma referência à obra lançada pela editora Alfa-Ômega: “‘Um país com problemas habitacionais não pode se dar ao luxo de oferecer apartamento para esse tipo de desfrute’, disse um jornalista divorciado, que mora num hotel” (MORAIS, 2003, p. 92).

5 Considerações interpretativas

O artigo que aqui se encerra observou os cinco livros-reportagem de Fernando Morais de natureza não-biográfica por meio da identificação, neles, de incidência de categorias e gêneros jornalísticos. A estratégia metodológica partiu do princípio que os modelos distintos de textos operam como indexadores/indicadores de uma estrutura mais complexa. Representam, nesse sentido, uma espécie de superfície por meio das quais podemos chegar a camadas mais profundas de significação, e, com isso, compreender tanto a relevância dos relatos quanto a sua abrangência.

Trata-se, sobretudo, de uma narrativa que dialoga, antes, por meio de sua diversidade textual, tanto com a literatura como com o jornalismo, e que empresta, ao dispositivo livro-reportagem, dessa maneira, forma e identidade específicas ao dispositivo e ao sistema em que ele se encontra. Compreender o que essa metamorfose representa para além de sua estrutura e matriz genética é o desafio que se apresenta daqui para frente.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.
- COSTA, Lailton Alves. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de Melo e ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- FERREIRA, Jairo. *O conceito de dispositivo: explorando dimensões de análise*. Ecos Revista. Pelotas: Universidade católica de Pelotas – Educat, v. 7, n. 2, jul. – dez. 2003.
- LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MELO, José Marques de Melo e ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MORAIS, Fernando. *Cem quilos de ouro* (e outras histórias de um repórter). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MORAIS, Fernando. *Os últimos soldados da guerra fria: a história dos agentes infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita nos Estados Unidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORAIS, Fernando. *Corações sujos: a história da Shindo Renmei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Alfa Ômega, 1984.

MORAIS, Fernando. *Transamazônica*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MOUILLAUD, Maurice. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Paralelo 15, 1997.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo Soster. *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A midiatização das narrativas na seção Diário da Revista Piauí. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro, Anais...

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DE JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. Anais...

SOSTER, Demétrio de Azeredo. *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009a.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Modelo para análise do jornalismo midiatizado. In: _____. *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009b.

TODOROV, Tzvetan et al. *Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.